ANO 3.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 1924 N.º 855

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 45
Impressão: Rua do Seculo, 43

A ADMINISTRRÇÃO da Companhia dos Tabacos publicou, no sabado, uma declaração, inserta no *Diario de Noticias*, para contrapor uma serie de afirmações a um artigo que apareceu, no *Diario de Lisboa*, de quinta feira passada em que se reproduzem numeros lidos, no Parlamento, pelo sr. Ferreira da Rocha e se registam palavras suas.

E' facil de ver que se trata simplesmente de uma opinião que o nosso jornal não disse que perfilhava.

Já varias vezes explicámos que não respondemos pelas entrevistas que nos concedem as pessoas que amavelmente, mas sob a responsabilidade do seu nome, falam aos nossos leitores.

Acreditamos na seriedade dos administradores da companhia. Temo-los na conta de homens de bem.

Convém frisar, no entanto, que não é isto que se acha em discussão, mas sim um problema de algarismos.

Não fomos nós que inventámos o sr. Eduardo John e as gravissimas acusações que ele produziu, ha dias.

A sua honradez tambem não oferece duvidas.

A do sr. Ferreira da Rocha acha-se a coberto de qualquer duvida.

Torna-se absolutamente necessario que tanto a administração dos Tabacos como o ministerio das Finanças procedam com urgencia, neste momento, promovendo um exame rigoroso á escrita da Companhia, a fim de se pôr termo a uma campanha que se alimenta talvez de boatos, mas sobretudo, de depoimentos que se dão como bem fundamentados em factos—tais os dos srs. Eduardo John e Ferreira da Rocha.

* * *

CONSTA ao *Diario de Lisboa* que se fez mais uma *démarche* junto do sr. dr. Afonso Costa, por parte de elementos categorisados do Partido Democratico, a fim de que o ilustre e afastado homem publico retome a actividade politica.

Pretende-se que o sr. dr. Afonso Costa venha presidir aos destinos do Partido Democratico. Os elementos que se lhe dirigiram fizeram-lhe vêr que, no caso de ele continuar alheio á politica, uma grande parte dos democraticos ingressaria no Partido Radical, esfacelando-se deste modo a maior fôrça politica da Republica.

O pedido foi feito por intermedio do Grande Oriente Lusitano, em forma de *prancha*, sendo muito possivel que o sr. dr. Afonso Costa ainda desta vez não queira aproveitar-se da *prancha* que lhe oferecem para regressar a Portugal.

* * *

O ABASTECIMENTO de pão á nossa cidade não foi, ontem, suficiente. A falta fez-se mesmo sentir com desagradavel intensidade.

Afirmam-nos que no Cais do Barreiro estão setenta vagons com trigo, esperando não se sabe o quê, há muitos dias.

Esta situação inexplicavel de carencia e de carestia só terminará quando o Estado tiver coragem de gritar a determinadas entidades:

—Comigo não fazem vocês farinha!

* * *

FECHOU ontem a notavel exposição dos quadros da guerra do grande artista português Sousa Lopes.

O LIVRO e as taxas postais

Decorreram mais de duas semanas depois que os homens de letras andaram de casa de Herodes para casa de Pilatos a reclamar contra o agravamento de franquias postais, sem que providencias fossem tomadas. Ainda que seja bradar no deserto, mais uma vez queremos chamar a atenção das esferas competentes para um problema, de vida ou de morte no que respeita ao prestigio intelectual português no Brasil e nas Colonias.

Ultimamente fez-se correr como versão oficial, emanada do sr. administrador geral dos correios, que a dificuldade em regressar ás tarifas anteriores estava, quanto ao Brasil, em este país se prevalecer do direito de multar as encomendas de livros, favorecidas aqui por uma redução de preço. Não foi isto precisamente o que s. ex.ª respondeu aos escritores que foram á sua presença em embaixada. S. ex.ª ao que nos consta, invocou apenas, o descalabro financeiro da administração dos correios que, pelo facto de ser autonoma, tem de se bastar. A' margem, porém, da convenção postal internacional, tal razão é de uma inocencia que nos leva a crêr não partir do sr. Antonio Maria da Silva, tanto ele parece ignorar o protocolo que regula neste e noutros casos as relações internacionais. Verdade seja que o mesmo sr. não foi suficientemente explicito com os escritores, ou porque os não quizesse azabumbar com as disposições da lei por que se rege a União Postal internacional, ou porque tivesse em grande monta a sua prespicacia e intuição das coisas.

Consoante a ilucidação que fomos beber a fonte limpa a questão apresenta-se deste modo: Portugal, á face da Convenção Postal, pode criar para seu regimen interno, colonias compreendidas, toda e qualquer especie de franquias que muito bem entenda. Não pode, porém, voltar ás taxas anteriores apenas por isto: porque a administração, elevando as franquias, procura cobrir o *deficit* que tem nas suas finanças, que são autonomas.

Aqui poder-se-ha objectar que este processo sumario de resolver o problema financeiro dos correios e telegrafos, traz consigo apenas esta pequena, e irrisoria desvantagem: e é que ao encarecimento de franquias corresponde um retraimento inevitavel de correspondencia; que a garganta do *deficit* cada vez se ha de escancarar mais a ponto de, com a subida progressiva das taxas, só os milionarios poderem servir-se desta aristocratica instituição, e quem não é milionario recorrer, como nos velhos tempos, ao almocreve e ao estafeta para levar cartas e pacotes.

Portugal, pois, no seu serviço interno poderá implantar o regime postal que mais lhe convenha. Outro tanto não sucede quanto ao serviço internacional, regulado pela letra da Convenção. Ora essa Convenção tolha Portugal de adoptar uma franquia para o livro que se dirige ao Brasil, a menos que tal regimen não decorra detratado firmado pelos dois paises. A lei é taxativa: ou acordos parciais, ou igual tratamento para todos os paises da União, dentro da equivalencia oiro, que a nenhum é licito exceder. Portugal poderia, é certo, á imitação da França, cujas franquias regulam por menos de metade das nossas actuais, criar-se um regimen postal internacional que não arruinasse ninguem, e permitisse ao sobrinho pobre de Portugal escrever frequentemente ao tio rico das Americas. O descalabro proverbial dos Correios e Telegrafos não o autorisa; não é bom, pois, pensar nisso.

Quanto ao livro, quanto á irradiação do pensamento português pelo mundo, se os srs. administrador geral dos Correios e ministro do Comercio não querem ser obreiros de má morte, aqui lhes apontamos, com sua licença, tres caminhos:

1.º Derrogar imediatamente as taxas actuais de Portugal com as colonias;

2.º Mandar uma delegação ao Brasil, com plenos poderes, a negociar uma convenção postal. Sabemos que tal alvitre fôra apresentado ao sr. Queiroz Vaz Guedes, quando ministro do Comercio, que por ele se pronunciou favoravelmente, não lhe sendo dado tempo para o pôr em pratica. Tal medida implica despesas; despesas, aqui, porêm, são da boa e sã economia.

3.º Criar um regimen postal provisorio em favor do livro a expedir ao Brasil, até que se negocie a Convenção. Esse regimen, á falta de melhor, poderá ser o preconisado pelo sr. dr. Brito Camacho, do reembolso duma praça de franquia pelo remetente.

Se se quer atalhar um mal que ha de aniquilar o livro e por tabela a pobre literatura, é urgente e forçoso adoptar estas medidas.

A. R.

A SCENA representa uma sapataria «chic». Interpretes: uma senhora a serio, quasi quarentona e um empregado de sapataria, o mais serio possivel. A dama entrou no estabelecimento, atrahida por um modernissimo modelo de sapatos — preço duzentos escudos — que viu em exposição.

Mas não encontra fôrma para o seu pé. Todos os sapatos do modelo que ela ambiciona são enormes.

O sapateiro observa:

— Para a senhora, só mandando fazer...

— Mas, então não tem mais pequenos, já feitos?

— Não, minha senhora.

— E' extraordinario!

— Saiba vossencia que quem agora compra esstes sapatos caros são as senhoras que antigamente andavam descalças...

* * *

FRANCISCO Manuel Cabral Metelo, que ainda não ha muito tempo publicou um livro—*Sachá*, com algumas informações interessantes para a historia dos nossos costumes, acaba de lançar no mercado um outro a que deu este titulo—*Entrevistas*.

Pode-se ler com proveito e com agrado, porque o seu autor, além de ser um rapaz de espirito, já viu do mundo o bastante para não contar coisas indiferentes ou banais.

A sua pena ligeira, maliciosa, de vez em quando, aborda certos assuntos e diz certas coisas que as pessoas de mais idade encontrarão assim um pretexto para exclamar:

—«Como eu gosto deste livro que, parecendo escrito para a juventude, tambem faz bem á gente idosa!»

A edição, bem apresentada, pertence á livraria Portugalia.

* * *

SEGUNDO consta, o Conselho Superior Judiciario terminou já os seus trabalhos para a supressão de 50 comarcas. Dizem-nos que estão reservadas algumas surpresas neste capitulo de compressão, tendo sido riscadas do mapa judicial algumas comarcas onde não predomina a politica democratica.

Se a medida governamental serviu apenas para pôr em pratica represalias politicas, mal andou o Conselho Superior Judiciario obedecendo a sugestões que não nos parecem legitimas, nem oportunas.

* * *

QUASI diariamente os jornais noticiam desfalques — empregados, desde cobrador a guarda livros, que se apoderam de dinheiros que deviam guardar cuidadosamente, desviando-os para satisfazer vicios ou prazeres caros.

A perspectiva da cadeia não os aterra.

Chegámos a uma epoca em que as cubiças são tão fortes e tão fragil o culto do dever que os homens se perdem tão naturalmente como as moscas que se deixam apanhar pelas aranhas.

* * *

E' NO proximo dia 23 do corrente que é posto á venda o primeiro livro de versos da sr.ª D. Maria do Carmo de Rezende, intitulado *Versos*.

* * *

SERÁ posto muito brevemente á venda um novo poema original do notavel poeta e ilustre homem de letras sr. dr. João de Barros. Intitula-se *Sisifo*.

Tauromaquia

A primeira corrida

Na madrugada de ontem começaram afluindo á estação do Rocio vultos que o nevoeiro mal deixava decifrar. Vestiam fatos de campo, encabeçavam castiços «alas anchas» e, para se reconhecerem, cruzavam «sautos» e «senhas», ao parecer:

— «Angelillo, traes los capótes y la mulêta?»

— «Si que traigo, y en Entre-Campos estan las bandarilleas».

Para não mistificar os leitores com a «galga» de um «complot», agora sob a forma tauromaquica, confessamos que se tratava da partida para Coruche onde o opulento «ganadéro» Ferreira Jordão construiu uma «praçazita» e ofereceu touros e todas as despesas para que a escola Agostinho Coelho desse a primeira lição em beneficio do Monte-Pio da alegre Coruche, que com o seu Sorraia parece uma miniatura de Sevilha banhada pelo Guadalquivir.

A viagem decorreu animada em todo o vagão, Numa divisão esvoaça a graça de um gentil bando de «señoritas», noutra o meu amigo João Patricio põe cátedra de Zootéchenia e, na ultima, mal se contem os impetos dos alunos-aficionados, anciando luta.

A' chegada esperam-nos carros guisalhados que nos transportam á residencia de Ferreira Jordão que é festejado em duas mesas alegres brindando o seu 64.º aniversario. Um piano interpreta deliciosamente criações da Goya e, em baixo, um gramofone encalha no «passe-calle Gallito» porque os rapazes da escola assim o pedem numa respeitosa recordação para o grande toureiro.

A caminho da praça alguem informa que está situada entre o cemiterio e a quinta da Desgraça. Mau presagio!

Com um sol de Abril e a praçasita cheia e aos sons de «pasos-dobles» toureiros dá-se começo á corrida, soltando-se varios touros que «Angelillo» vai destinando aos alunos conforme as aptidões. Os touros são na generalidade puros e, quando tal não acontece é feita a declaração para conhecimento dos lidadores limitando-se então a tourear a cavalo José Gomes que dá mostras de valentia, conhecimentos e notáveis progressos, embora poucos ferros tivesse cravado.

Fóra da Escola, e do seu mestre Angelilo, auxiliou a lide, o novilheiro sevilhano «Joselito Cardenas» que tem um preciôso estilo de tourear de capote. Tambem toureou de muleta, capa, e bandarilhou com arte o aficionado Muñoz Crespo. Dos alunos destacaram-se em primeiro logar: o irmão de Agostinho Coêlho, a quem profetisâmos um grande logar no toureio e Lobito que revela decidida intuição bem como Calabaça. Não recordamos o nome de uma «pareja» que fez o que poude.

Deixâmos para o fim o habilidoso Mario Santos que poderia ser «gente» decidindo-se a vencer o receio impeditivo do toureio bonito que nos deixou ver nas lições teoricas.

O nosso querido colega Felix Correia, espirito sedento de emoções, depois de entregar a farpa ao cavaleiro e ao devolver o capote a «Angelilo», no preciso momento em que se soltava o touro, foi colhido com violencia em três tempos, afortunadamente sem gravidade, permitindo-lhe regressar a Lisboa com o cronista desta rápida resenha.

No regresso notavam-se belos carros de campo, destacando-se o do cavaleiro Antonio Luís Lopes que com D. Alexandre Mascarenhas, Antonio Teixeira e outros nomes da nossa melhor «aficion» presencearam a corrida que será seguida duma vacada, a poderem as vacas atravessar a Ribeira.

Uma tarde «castiza» de touros, sendo unicamente de lamentar o precalço sofrido pelo nosso camarada na pitoresca pracinha entre o «cemitério» e a «desgraça», mau preságio que advinhámos, não supondo que o seria para o nosso bravo colega.

El Terrible Perez

CRONICA LITERARIA

"Leonel,,

POEMA

por D. Maria da Graça Jardim (Valenças)

Uma noite, ha dois anos, vieram buscar-me a casa, para eu ouvir lêr á autora o seu poema *Leonel*.

A autora, a sr.ª D. Maria da Graça Jardim (Valenças), filha do conde de Valenças, de que eu ja conhecia alguns versos liricos melodiosos e dolentes, queria dar-me a honra singular de me lêr o seu poema, antes mesmo de se resolver a publicá-lo.

A impressão que me tinham deixado os seus poucos versos liricos era de molde a afastar do meu espirito qualquer apreensão, quando, nessa noite chuvosa de ha dois anos, eu ia a caminho da casa dos condes de Valenças.

Sala ampla e fria. Luz quebrada, de crepusculo. Os donos da casa, a poetisa, eu—e mais ninguem. Silencio profundo. O conde de Valenças, na inquietação admiritiva pela filha, aguardava as minhas singelas impressões,—um brilho febril no olhar, um tic nervoso na boca emudecida. A sr.ª condessa seguia, interessada, a leitura dos versos,—um sorriso contente nos olhos contentes, o seu perfil delicado e airoso nimbado da branda claridade da luz, e o oiro apagado dos seus cabelos dando á sua fisionomia um ar de castelã antiga.

A Poetisa, na sua voz singela e timida, que receia quebrar-s nas arestas das coisas, ou receia trair a emoção que a dirige, lia pausadamente... Eu ouvia, e ouvindo, pensava no extranho caso de uma rapariga tão nova, flôr de estufa da sociedade de Lisboa, pouco andada pelas salas do mundanismo vulgar, mal sahida do convivio domestico—se me apresentar com tão altas preocupações, com tão subtil imaginativa, com paisagens psicologicas tão vastas e tão profundas como aquelas que me revelavam os seus alexandrinos. Era um poema de Alfred de Vigny que ou estava ouvindo? Era uma elegia schopenhauriana que me estava lendo a senhora D. Maria da Graça (Valenças)? Não. Era o seu poema *Leonel*. A impressão que me deu a audição precisava de ser controlada pela leitura. E li, em minha casa, dias depois, o poema. A primeira impressão confirmou se. Certo que nem sempre a forma tinha aquele talhe impecavel das obras definitivas. Mas ninguem podia exigir isso de uma rapariga tão nova, cuja educação intelectual, por apertada e vigiada muito de perto, a impedia de estar em contacto com todas as mil maneiras da expressão—e que é essencial para o aperfeiçoamento da nossa expressão propria.

Mas que me importavam as incorrecções da forma, se eu via que o espirito dessa Poetisa moça tinha azas doiro, e voava, em vôos gigantescos, por sobre os cumes nevados, na proximidade das estrelas tranquilas? Que me importavam as incorrecções da forma, se eu estava deante de uma Poetisa moça, cujo espirito tinha visões biblicas, analises subtis, e ora pretendia descer ao segredo das coisas, ora pretendia atingir o inacessivel das Chimeras? Que espirito este que, tão juven il ainda diz—e agora impecavelmente:

Deixei de acreditar no riso dos que passam,
Porque a terra vibrou de dôr á minha dôr,
Na larga estrada de oiro, onde sempre se abra-
çam
A claridade e a noite, á hora do sol-pôr.

O 2.º acto do Poema é verdadeiramente wagneriano: ha notas agudas de metais, ha clangores de trombetas, ha relusires de espadas e lanças. E no meio desse fragor impressionante, passa esta vaga sombria e magestosa:

Misticas alas dos meus sonhos, perfilados
A' beira do teu riso e meu esquecimento,
Como espectros de bruma infinitos, alados,
A resguardar da crua luz e meu tormento.

O III acto é funebre. E' todo em notas de orgão. E a gente para a ouvi-las:

Eu vejo a terra como um campo de flores de
oiro!
Sinto pairar no espaço a essencia do imor-
tal...
Deu-me ha pouco o luar um espantoso tesoiro,
Só de prata fundida a de fino cristal...

Aquele segundo verso é uma maravilha, e dá a medida do poder imaginativo de quem o fez.

E' claro que se eu me ficasse por aqui, não fazia bem. A sr.ª D. Maria da Graça tem talento e tem sensibilidade. Mas o talento, para florir constantemente, tem que ser cultivado; e a sensibilidade, para estar em vibração, precisa que as emoções da vida a despertem. Quero dizer na minha, que a sr.ª D. Maria da Graça não pode, á sombra dos louros que colheu com o seu poema, ficar-se, agora, a contemplar esta coroa de rosas brancas e lyrios vermelhos que compuz, abandonada, ao canto da casa, a harpa magnifica de cordas feiticeiras donde os seus dedos tiravam as estrofes do seu poema. E' preciso não parar; e, firme no seu orgulho, defendida pelo seu capricho, procurar, na sua harpa, novas notas, na sua sensibilidade, novas emoções, e no seu talento, novos horisontes. Com o seu poema, entrou no circulo gracioso das Musas portuguesas. Elas lhe abriram alas, e deitaram no seu caminho, folhas de rosas. Esse facto impõe-lhe o dever de buscar exaustivamente, a Perfeição que nunca se atinge, a Beleza eterna que nunca se vê, e o Infinito que nunca se encontra, — servindo-se da forma de Arte que natural e expontaneamente, se criou no seu espirito.

Promete continuar? Se promete, e continuar, eu terei motivos bem fundos para justificar o prazer que sinto ao escrever estas palavras, que não são de critica, mas de homenagem, e que correspondem ao prazer que tive, ao ler os seus versos.

Alfredo Pimenta

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria José Van-Zeller Guedes de Albuquerque, D. Maria Helena de Matos Ferreira de Castro Soares Branco, D. Eugenia de Melo Osorio Sarmento e Vasconcelos, D. Helena Weedheuse de Sá Passos, D. Angelica Maria Martins Pita e D. Maria Nazaré Monteiro Esteves.

E os srs.:

D. Francisco de Sales Zarco da Camara, Artur Morais de Carvalho, dr. Henrique Teixeira Bastos, Benjamim Cohen, Aires Valdez de Faria, João de Freitas Branco Sassetti, Francisco de Somer Saldanha Bandeira, Luís de Somer Saldanha Bandeira e Alfredo Nepomuceno Talone da Costa e Silva.

A caridade

Zarzuelas por amadores

Amanhã, terça feira, haverá de tarde e á noite ensaios, respectivamente dos coros e das primeiras partes sob a direcção os primeiros dos srs. drs. Antonio Jeice e Isidro Aranha e o segundo do actor Armando de Vasconcelos. Ambos os ensaios realizam-se na rua do Alecrim, 46, o dos coros ás 17 e do poema ás 21,30, pedindo a ilustre comissão organisadora a todas as senhoras e rapazes que tomam parte nos coros o favor de não faltarem, bem assim como as pessoas que desempenham as primeiras partes.

Comedias por amadores

Além dos amadores a que nos temos referido, diremos que tambem tomam parte no desempenho da engraçada comedia «Em boa hora o diga» as senhoras D. Helena de Castro Sola e «miss» Mabel Petter, duas distintissimas amadoras que no ano passado deram grande relevo aos seus papeis na comedia «Sua Ex.ª».

Na proxima semana devem começar os ensaios, sob a direcção de um dos nossos mais brilhantes actores.

Festa de homenagem

Começou esta tarde, na bilheteira do teatro São Luiz, a troca dos bilhetes provisorios pelos definitivos para a elegante recita que, na noite de 30 do corrente, se realisa nesse teatro, dedicada pela empreza aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

Os homenageados previnem os portadores de bilhetes de balcão e «fauteuils» que quanto mais cedo trocarem os seus cartões melhor logar podem obter.

No Club Estefania

Já depois de composta, somos obrigados a retirar, devido á falta de espaço, a noticia referente á elegante recita que na noite de sabado se realisou neste club.

Concertos elegantes

Assistencia elegante aos concertos wagnerianos de ontem:

No S. Luis

Viscondessa de Alvelos, D. Sarah da Mota Vieira Marques, D. Maria José de Vilhena Magalhães Coutinho e filhas, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filhas, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas, D. Maria Teresa Iglesias Scarnichia, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Flora Bastos do Amaral e filhas, D. Estefania de Macedo Dias Macieira e filhas, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Maria Isabel de Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Guilhermina Maimira da Fonseca, D. Luisa Malheiro de Seixas e filha, D. Elisa Diogo da Silva dos Reis Torgal e filha, D. Etelvina Falcão, D. Ana de Somer Osorio, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Stela Navarro de Andrade Belmarço da Costa Santos, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Margarida Cambon Brandão, D. Eugenia de Araujo, D. Maria Isabel Saldanha Bandeira de Carvalho, D. Maria das Dôres Correia de Sompaio Brandão de Melo, D. Palmira Lucas Torres, D. Beatriz Perry Vidal de Vasconcelos, D. Maria Emilia Perry Vidal de Allen Vasconcelos, D. Henriqueta Nunes de Carvalho e filha, D. Ana Ahrens de Novais e filhas, D. Amelia de Meneses Fernandes Costa Novais, D. Maria Amelia Lucas Torres de Fariuha. D. Margarida Fernandes de Aguiar, D. Concha Anahory, D. Georgina de Mendonça, D. Carolina Serzedelo, D. Hebe Serzedelo de Ferreira Ribeiro de Sousa Falcão, D. Maria Elisa Plantier Martins, D. Maria Elisa Plantier Dias Costa, D. Eulalia da Costa Neves, D. Maria Jacinta Teixeira Bastos Neves Pereira, D. Fausta Neves Costa, D. Maria Sofia Bec-Bride Fernandes, D. Berta Cambon, D. Maria de Mendonça, D. Maria de Aguiar, D. Virginia Luisa Cardoso, etc., etc.

No Politeama

Duqueza de Palmela, Condessas de Atalaia e de São Miguel, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Maria Gomes de Abreu Baptista, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Maria e D. Carlota de Castro Botelho Torrezão, D. Ema e D. Berta Dias Costa, D. Maria Augusta Pinto de Sampaio da Silva e Castro e filhas, D. Guilhermina Francisca Sarmento Brandão de Vasconcelos e filhas, D. Maria de Lourdes Pinto da Silveira Pinto, D. Maria Julieta Neves Teixeira Soares e filha, D. Adelia e D. Eulalia Pereira, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no S. Luiz, onde reaparece a linda e celebre opereta de Franz Lehar «Frasquita», notavel trabalho dos artistas Auzenda de Oliveira e Sales Ribeiro.

Em viagem

Vindo da quinta da Choca Palha, encontra-se em Lisboa, hospede de seus pais, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria Luiza Duff de Portugal e Castro, e sr. D. João de Portugal e Castro.

—Partiu para Paços de Brandão, o sr. dr. Camessa Saldanha.

—Com sua irmã a sr.ª D. Maria Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela); regressou á sua quinta em Torres Vedras, a sr.ª D. Marinaa Rodrigues.

Pastas para advogados, escritorio, cobradores, etc.
Artigos de novidade
Bastos Silva, L.da—Rua de S. Nicolau, 81 (esquina Arco Bandeira)

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado, 36, 2.º — Tel. C. 5020

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

SERPOZIL
NOBRE SOBRINHO
Eficaz em todas as TOSSES, ainda as mais rebeldes. Cura radical da
TOSSE CONVULSA
E' laxativa e espectorante e de sabor agradavel.
Deposito: Rua de Santa Justa, 45, 2.º—LISBOA.
Teixeira Lopes & C.ª, Lda.

—Guarda o teu coração. Prefiro uma ceia no SOLAR D'ALEGRIA

SOLAR D'ALEGRIA
PRAÇA D'ALEGRIA, 55
O mais confortavel e comodo dos
GRANDES «RESTAURANTS»
Serviço a toda a hora do dia e da noite—Ampla sala de jantar e gabinetes PRIMOROSOS «MENUS»
Explendido serviço de banquetes, almoços, lunchs, jantares e ceias
CONCERTO PELO QUARTETO sob a direcção do violinista *Frederico Gonçalves*

Telefonia sem fios
Concertos. Jazz-Band de Inglaterra em Haut-Parleur. Aparelhos VITUS. Os melhores e mais nitidos. Exposição e venda
J. ALEXANDRE. Chiado, 8-18

LIVROS NOVOS

"A Ressurreição,,

ROMANCE

de Manuel Ribeiro

Transcreve-se um trecho do capitulo III

Foi com alvoroço que Luciano recebeu a nova de que chegára enfim, a condessa de S. Gião. Havia uma semana já que ele a aguardava impaciente em Roma, sabendo-a detida no norte da Italia, em trabalhos de iniciação Tinha-se instalado num pequeno hotel a S. João do Latrão, perto do convento franciscano da via Merulana, onde vivia Fr. Antonio da Santissima Trindade, religioso português, e iniciado tambem, que a condessa lhe indicára para o guiar na Cidade Eterna O gracioso convento, muito fresco e limpo pousava numa encosta desafrontada, a cavaleiro dos predios novos do Viale Manzoni, com todo o ceu de Roma a entrar-lhe pelas janelas. Havia ar, havia luz, e na fisionomia esperta dos frades, na buliçosa faina em que sempre andavam, sentia-se a febre de Roma que não creava ascetas. Os religiosos de Santo Antonio madrugavam como passaros, e o risonho convento, pitoresco e leve como um pombal, despovoava-se dos seus gárrulos moradores que, depois das refeições e das rezas, batiam as azas em todos os rumos a missionar na cidade. A alegria do mosteiro, que tinha todo o ar de novo, com a sua igreja clara e reluzente e o campanario fino rematado duma flecha de majólica a brilhar ao sol, dispozera-o bem.

Fr. Antonio da Santissima Trindade declarava-se um modesto adepto da Cruzada nova e confiadamente instruia Luciano do que se passava em Roma. Bastantes pessoas tinham-se alistado, com um fervor que lembrava os tempos apostolicos, nesta activa milicia do Evangelho. Brilhantes nomes de Roma. padres modestos, professores e artistas, dedicavam-se de toda a alma ao novo apostolado, e o povo romano, sobretudo o povo agricola da Campagna entre S. Paulo e a via Appia, secundava com dedicação e entranhado zelo este alvorecer messianico da fé. Plebeus e nobres, cultos e letrados, leigos e eclesiásticos, todos se tinham compenetrado do alcance moral e social desta renovação crita que não havia de circunscrever-se a Roma, afirmava Fr. Antonio convicto, mas ganhar o mundo inteiro. Ele havia de conhecê-los aos novos apostolos: Don Lorenzo, o iluminado coadjutor de Santa Maria do Trastévere, a alma do movimento tão venerado e querido, que o povo de Roma chamava-lhe o «diácono» em lembrança do romano S. Lourenço martirisado pela fé; Pio dell'Anima, um insigne artista do mosaico, tribuno ardente que conhecera os incios socialistas e trabalhava as populações agricolas por todos os *orti* da colina de São Paulo até o Vale de Caffarella; o principe Ludovico Sangiorgio, um importante adepto que viera do patriciado romano, e outros. As principais reuniões realizavam-se fóra de Roma, na vila Galileia, propriedade rustica que a condessa possuia para os lados de S. Paulo. Havia até uma catacumba. A vila, com hortejos e vinha, abrangia alguns hectares cultivados por camponeses da Campagna, onde a propaganda caira bem. Tudo á roda estava já contaminado.

Estes pormenores ouvia-os Luciano com palpitante interesse. Ele cria na eficacia do Evangelho. Pelo que ouvira á condessa de S. Gião e do que sabia agora pela boca do franciscano, os homens que se congregavam em Roma para a restauração da fé estavam todos impregnados da doutrina de Cristo e não os preocupavam reformas nem modernismos. Acção religiosa, acção de fé e não politica, eis o lema que parecia ter um tal agremiação. Não seria impossivel talvez que a sugestão do Passado naquele ambiente de recordações arfando como vagas represas, ereasse um forte movimento sentimental com impulsão capaz de ressuscitar o heroismo antigo. Sem duvida, os tempos eram outros; mas os corações pulsavam sempre... Por muito mal que houvesse no mundo, por muito pervertidas que se encontrassem as sociedades, a corrupção não alastrára a tudo e nem todo o povo estava infectado. Precisamente onde menos luz havia aí havia menos depravação. E' que a treva ás vezes preserva. As nódoas da ignorancia tiram-se melhor do que certas maculas da civilisação. Antes almas sujas do que almas podres. E Luciano, já por efeito da febre de Roma, animava-se, tinha esperança, cria. E enquanto a condessa não vinha, ia conhecendo essa Roma de sonho que o surpreendia e cuja beleza estranha tanto o perturbava.

Quando Luciano entrára em Roma e libto da impressão maior pudera enfim recuperar-se e olhar um pouco á roda, sentira-se desconcertado. O seu espirito desenvolvido do exclusivismo das formas finas e elançadas do gotico, não se conformava com as sumptuosidades pagãs do estilo greco-latino. A medievalidade obliterára-lhe o sentido das basilicas e tornára-o pouco entusiasta da Renascença e nada afiçoado ás fantasias do barroco. Roma, conhecia-o agora, não era mistico e tampouco feita para contemplativos. Roma era febre, bulicio, trabalho. Roma era acção. Crear em Roma equivalia a legislar para o mundo. Só Roma inspirava o espirito generalisador e as ousadas sinteses das creações eternas. Fôra preciso que Bramante viesse a Roma, já com cincoenta e cinco anos, para que a Renascença atingisse o seu mais alto vôo. A ideia de Bramante: colocar a cupula do Panteon sobre a basilica de Constantino, eis a sintese suprema da Renascença romana. Bramante fôra o alicerce de Miguel Angelo. Certamente, para entender Roma tornava-se preciso conhecer a linguagem das beles-artes; mas a gramatica da arte, suficiente para interpretrar Florença, não bastava só para compreender Roma. E como custava a compreender Roma!

Luciano internava-se nas ruas profundas, cerradas e altas, que desfilavam entre alas de palacios, cuja beleza desconcertava a visão habituada aos alindamentos modernos de avenida e *boulevards*. Surpreendia-o essa epiderme tanada de velhice, em contraste com a robustez massiça da construção. Eram encoirados Matusales de pedra, refractarios á traça e ao carumcho. Tudo tinha um ar trigueiro e sujo. Roma não apresentava uma unica fachada clara. A tonalidade fôsca do travertino pouco diferia da côr terrosa do tejolo. Esta constancia uniforme fazia dos velhos arruamentos, corredores monótonos e sombrios. A perspectiva dos palacios alongava-se, as ruas afunilavam-se rigidas, inteiriças, talhadas numa só peça. E nem um desgaste, uma corcova, um achaque. O tejolo, delgado e fino, adquiria a consistencia dum ladrilho de bronze. Roma tinha grandeza e tinha força. E Luciano demorava-se curiosamente deante destas frentes de linhas firmes e sóbrias, impecaveis na simplicidade nobre da arte. A imponencia vinha da mole enorme e robusta, do todo encorpado e cheio; e esta grandeza pesada esbatia-se na ordenança bem proporcionada, na simetria e no equilibrio calmo, na propria expressão fisionomica do edificio que, no periodo da primeira Renascença, parecia reflexo da estatuaria. E mais duma vez Luciano sentira esta singular concordancia entre as estatuas antigas que via nos museus e as frentes serenas de certas casas romanas.

Todo o encanto de Roma provinha desses palacios de travertino amarelo, atrigueirado dos seculos, que transformavam suas arterias em correntezas majestosas duma gravidade melancolica. Essas moles inertes, frias e nada acolhedoras, não tinham contudo a tristeza desolada das coisas decrépitas. Não era o esqueleto dum passado morto, como nos restos informes dos palacios dos Césares na necrópole do Palatino. Os palacios romanos, recolhidos e mudos, mostravam-se ainda os maiores senhores de Roma e dominavam sempre pelo prestigio solido da sua viseira calada e pouco amavel cariz dos seus rodapés de ferro. Todas as cidades antigas tinham despido a cota de malha da Idade-Média e rebentado o seu cinto de muralhas e revelins. Roma só entrou na comunhão moderna depois da brecha na Porta Pia. A cidade medieval dos papas e dos principes pouco mudára de fisionomia. Apenas um longo corredor da vertente do Viminal á praça de Veneza, rasgára no seio da Cidade antiga o seu largo sulco de *boulevard*. No velho Corso, algumas casas nobres tinham aberto os flancos a estabelecimentos de comercio; mas por quasi todo o Campo de Marte, os palacios recusavam-se a colaborar na vida nova e retraiam-se por detraz das defesas de ferro, na nobre indiferença do seu isolamento altivo.

Quando Luciano viu as igrejas de Roma a primeira impressão foi fria; o gotico que ele era não se conformava com a redundancia ornamental, a côr, o brilho, a luz, e esse tom de carne que as amolecia. Não encontava a religiosidade ogival nos pórticos e pilastras, nas calunas e arcadas, e nessas cupulas e zimborios dum caracter tão diverso da flecha esguia, perdendo-se no ceu. Em Roma não aclimatára o gotico. Santa Maria *sopra* Minerva tinha apenas vagas reminiscencias dele na ábside e nas arquivoltas; uma ou duas igrejas modernas edificadas no estilo ogival não interessavam nada. Em Roma a beleza exterior, a que primeiro impressiona, não é a melhor. O nucleo vale sempre mais. No clássico, como efeito, e que sobretudo prende é a visão superficial, é a decoração, o revestimento, aquilo que é postiço e adaptado, secundario portanto; no gotico, porém, a beleza é intrinseca, surge no embrião da estructura, cresce e enforma com ela, acompanha-a da raiz á flôr. No gotico o arquitecto é principalmente construtor, e é uma mão de segunda ordem ás vezes, que afeiçôa e pule. Uma ruina gotica enternece. As suas ogivas descarnadas tornam-se ainda em mais suplicantes mãos. Uma ruina romana é um monte de argamassa e de tejolo. Arrancar uma pedra gotica é amputar e estropiar: edificio mutilado é edificio morto. No clássico, tirar uma pedra é descobrir sómente um bocado de pele. Ha em Roma edificios completamente esfolados: O Panteão de Agrippa vive assim ha dois mil anos Esta epiderme desaparecia sempre, ou levada por delapidações ou corroida pelos seculos. Mas o nucleo, a estructura interna, sintese de poder e de força, isso resistia sempre.

Ah, esses palacios de Roma! Certos senhorios do Campo de Marte, fortes como cidadelas, reflectiam ainda a inspiração florentina dos palacios Strozzi e Bucellai, com suas bossagens fortemente acentuadas, portas e janelas extradorsadas em ogiva mais larga no fecho do que no pé. Este tipo de palacio antigo da primeira Renascença, conservava inda no enerrespado cenho a catadura belicosa dos agitados tempos em que os nobres derimiam com sequazes e familiares, nas vielas de Roma, contendas politicas e rixas pessoais. O aparelho tôsco á etrusca, as aberturas acanhadas e parcas, o gradão envolvente das janelas baixas — rodapé de ferro, a massa hirta e esquadriada, sem um relevo decorativo senão a epiderme rugosa, evocava sombrias lembranças de tragedia. E toda a Roma era assim...

A Cidade eterna, que perdera com a decadencia do Imperio as tradições sumptuosas dos Flavios e fôra prostituida por tanto ultrage dos barbaros, recebera, no desabar miseravel do seu poderio, esta arquitectura tristonha e glabra em que se dava bem o travertino das pedrarias de Tivoli e o tejolo lávico que pouco se diferençava dele. E assim tinha surgido, depois da Roma imperial de marmore, a Roma cristã de travertino e de ladrilho enobrecidos na basilica de S. Pedro e em centenas de igrejas e palacios.

APOLO Tel. N. 4129
HOJE — Primeira representação do quadro
CRUZES, CANHOTO & C.ª
Representação integral e ampliada da revista
VIDA AIRADA
PREÇOS POPULARES
Quinta-feira, 24 — A fantasia revista de Ascensão Barbosa e Abreu e Sousa «Fructo Proibido»

EDEN-TEATRO
HOJE — A's 21 horas — HOJE
A deslumbrante e dominadora magica de Eduardo Garrido, musica de Raul Portela e Hugo Vidal
A PERA DE SATANAZ
Maravilhosa montagem

=POLITEAMA=
Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.
COMP.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Ás 21,30 Grande sucesso
CRISTALINA
Extraordinaria criação de Amelia Rey Colaço
Notavel desempenho de toda a companhia

AVENIDA Telefone 4356 N.
— Companhia Satanela-Amarante —
de que faz parte Nascimento Fernandes
O grandioso sucesso — A opereta
Miss Diabo

METE-SE PELOS OLHOS
A VANTAGEM DE COMPRAR

na CASA DAS TESOURAS
51-51A - RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA - 53-55
PERES & ABRANTES, SUC.ES

CHIADO TERRASSE
A empresa deste belo salão-cinema repete hoje, a pedido, o grande «film» português de aventuras O REI DA FORÇA, 8 actos empolgados, em que o distinto atleta Ruy da Cunha tem o principal papel. Exibe-se tambem a primorosa comedia em 4 actos SONHOS DA JUVENTUDE, criação divinal de Magna Karmedy.

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
ULTIMA REPRESENTAÇÃO
HOJE: da peça historica de D. Jcão da Camara
ALCACER-KIBIR
Na actual semana, em 4.ª recita de assinatura
O PASTELEIRO DE MADRIGAL
de Augusto de Lacerda

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

TEATRO SÃO LUIZ
Recita do actor HUMBERTO DO AMARAL
dedicada ás Sociedades Recreativas de Lisboa
A opereta A BONECA — Surpresas — Fados
ÁMANHÃ — A celebre opereta
FRASQUITA

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. de 12: Depressão entre o SO da Islandia e a Irlanda 751mm com tendencia a deslocar-se para L. Zona de alta pressão na Suiça e Espanha, maxima 769mm. Ventos fracos variaveis na peninsula; vento NO entre moderado e fraco nos Açôres. O barometro sobe no L da peninsula e desce no centro. **Tempo provavel** até á manhã 22: Bom tempo, vento fraco variavel, ceu nublado.

A Cidade

Lelo Portela e Ricardo Mota
ADVOGADOS
mudaram o seu escritorio para a RUA NOVA DA TRINDADE, N.º 9-2.º
Telefone 2995-C.

Chá das cinco

Não se emprestam livros

Eis a legenda que a minha irritabilidade deveria pôr, á laia de legenda dantesca, em grossas letras, escorrendo sangue, á porta do meu gabinete de trabalho onde decorre, horas e horas, toda a «Divina Comedia» da minha alma.

Não se emprestam livros—«lasciate ogni speranza»...

E' que ninguem calcula, decerto, o que me custa tirar um livro da estante, vêl-o abalar porta fóra, entregue ao caprichoso destino dumas mãos descuidosas, duma alma inferior, duma sensibilidade grosseira que pedem um livro emprestado por ser uma nota de bom tom, por ser «chic», e não, como deveria ser, por absoluta e imperiosa necessidade espiritual.

Eu bem sei que ha livros—e eu tenho bastantes desses na minha estante—que apenas servem para simples passatempo. São os que se vendem nas casas de modas, e destinam-se a ser lidos nas casas de chá. Esses ainda eu suporto que mos peçam emprestados, que mos levem para longe, até que mos extraviem, que mos gastem como «bombons», embora me sejam oferecidos e me sirvam, por vezes, de objectos de analise — pois eles representam bem, alguns deles, toda a maré de banalidade, artificio, impudor, que está caracterisando o momento. Alguns já desappareceram mesmo, graças ás mãos, milagrosamente destruidoras, da minha pequenita.

E' a ela que eu devo o ar escolhido da minha biblioteca. Mas os outros... Uma tarde, depois do chá, isto sucede sempre depois do chá, uma mulher pretendeu levar-me «L'Art au point de vue sociologique», de Guyau. O que eu tremi! Felizmente, de tal forma enchi o resto da tarde, que ela esqueceu-se de Guyau, e eu meti-lhe nas mãos, contentissimo, a «Arte de não conhecer mulheres». (Não se zangue você comigo, Oliveira Guimarães. Como vê, faço um bom reclame ao seu livro).

Isto pelo que respeita ás pessoas que, não se interessando por leituras, pedem os livros emprestados, apenas por snobismo. Mas há tambem as que se interessam, as que gostam de lêr, e que, por isso, era um grande favor que me faziam se gostassem tambem de comprar. A essas custa, na verdade, bastante, dizer que não. E os livros saem da estante, deixando um lugar vasio que, até ao seu regresso — e, ás vezes, que dolorosissimo regresso! — fica preenchido por uma infinita, dolorosissima saudade... E' que a minha estante representa para a minha alma, um poema completo, uma sinfonia completa, um mundo de beleza e sonho completo. Tirar-lhe um livro, é errar o poema, interromper a sinfonia, partir a unidade, que eu desejo quasi intangivel, desse mundo.

Não se emprestam livros... Ah! não ter eu a coragem de gravar esta legenda, de sabor dantesco, á porta humilde do meu inferno!

Ficam, no entanto, vocês todos prevenidos.

Dar-vos-hei, com todo o prazer, uma chicara de chá — mas não me peçam Guyau, nem Carlyle, nem Antero, nem Pascoais, nem D'Annunzio, nem Bataille...

Alves Martins

"Foot-ball,,

O encontro Lisboa-Porto

Jogaram ontem, em Palhavã, as selecções do Porto e de Lisboa.

O resultado foi um empate 0 a 0.

O desafio de ontem está abaixo de toda e qualquer critica. Por isso e porque já os diarios da manhã lhe dedicaram espaço em demasia, nos não deteremos em analisa-lo.

Foi o empate de ontem, o segundo dos 17 desafios já jogados para disputa da taça Inter-Cidades.

E o Porto legitimamente se deve orgulhar do empate de ontem, obtido contra 10 «internacionais»—e obtido por um «team» que jogou grande parte do segundo tempo sem o seu «capitão».

Do Porto, distinguiu-se extraordinariamente: Manuel de Sousa. De Lisboa, foi o melhor o unico «não internacional»: Ramos.

Rosmaninho não foi feliz na arbitragem.

"INFORMACIONES"

Importante jornal espanhol, com larga reportagem literaria, noticiosa e grafica, de Portugal.

Assinaturas e publicidade para Portugal na sua agencia de Lisboa: Travessa de Santo Antonio da Sé, 11-3.º

POLITICA PARTIDARIA

O congresso DOS NACIONALISTAS

FOI UMA BELA E NOBRE parada de forças

O sr. dr. Pedro Pita é, incontestavelmente, um dos mais valiosos elementos do Partido Nacionalista. Entrevistá-lo sôbre o Congresso, impunha-se, tanto mais que uma das grandes qualidades deste politico é o seu grande poder de sinceridade.

O dr. Pedro Pita, quando nos viu entrar, avisou:

—Não, hoje não. Duas entrevistas é de mais para um homem só.

—Duas entrevistas?

—Sim, acabo de ser entrevistado para *A Tarde*.

—O que prova que o senhor doutor é uma figura de destaque.

—Muito obrigado pelo elogio; mas porque não vai ouvir o dr. Ginestal Machado?

—Saíu para Santarem ás 11,45...

—O dr. Lelo Portela...

—Pode não estar no escritorio—eram passos perdidos.

E o dr. Pedro Pita, vencido, pela nossa forte argumentação, não teve outro remedio senão deixar-se entrevistar. O momento, porém, não era dos melhores. Havia um cliente, algo massador, a aturar. Registos a fazer. Todos os codigos a consultar. A entrevista resultou, pois, desconexa, interrompida, de vez em quando, por ápartes juridicos—uteis, sim, mas, porque não confessá-lo? alguma coisa massadores.

E foi assim, pouco mais ou menos:

— O Congresso?...

— Decorreu com o maior brilho.

— E foi?...

— Uma bela e autentica parada de forças.

— O facto mais significativo do Congresso?

— A forma correcta e nobre como decorreu.

— Refere-se?

— Ao facto de não se terem feito as menores referencias aos que sairam do partido. Todos os congressistas, todos, em numero superior a 1.500, se mantiveram unidos num grande sentimento de disciplina partidaria, dando provas da mais decidida fé republicana. O Congresso, repito, foi uma autentica e forte parada de forças.

— A scisão, pois...

— Em nada contribuiu para enfraquecer o Partido. Este Congresso foi a prova eloquentissima de que a Patria e a Republica podem contar com um Partido capaz da maior dedicação e dos maiores sacrificios.

O CASO DO DIA

O preço da libra

Abertura: 142$00 (1 11/16)
Ao meio dia: 137$00 (1 3/4)
Fecho: 130$00 (1 27/32)

O assunto do dia foi, como não podia deixar de ser, a alta e baixa da libra.

Era interessante ver hoje o publico especulador entrar com sofreguidão nos Bancos e casas bancarias pedindo preços para vender cambiaes adquiridas certamente a preços mais altos. E tanto mais intensas se tornavam as ofertas quanto mais se valorisava a moeda portuguesa.

Afinal, a mesma historia de sempre; mas ao menos verifica-se que vai renascendo calma nos espiritos e que o publico, que por momentos tinha dado indicios de desanimo perante a nossa situação, praticamente demonstra que confia no futuro.

Oxalá que tal se continue a dar e que tanto o Governo como as Repartições encarregadas de velar pela vida cambial do País colaborem afincadamente já na defeza da nossa balança ouro, já colocando devidamente ou no seu devido pé a situação, evitando que possam surgir boatos sob o ponto de vista de menor confiança nos destinos da Patria.

Na Bolsa todos os valores ouro sofreram depreciações nas suas cotações, evidente reflexo do que se passava com a cotação da libra.

Estamos certos de que o Governo não deixará de elucidar o publico sobre a situação sempre que se lhe ofereça ensejo, indicando claramente a maneira como dispõe de todas as cambiais que lhe são pertença, tanto das exportações como outras.

Assim, nunca poderão existir indicações vagas ou suspeições sobre entidades portuguesas, pois estamos certos de que, patrioticamente todos desejam o bem da Nação que é o bem de todos nós.

INVERNO

As melhores fazendas e as mais baratas são as adquiridas directamente na fabrica de lanificios de

Manuel Jeronimo de Matos, Sucessor

Covilhã

que envia amostras a quem as pedir

Pelos teatros

«A Pera de Satanaz»

Conquistou ontem, no Eden-Teatro, um exito indiscutivel, a «reprise» da famosa magica de Eduardo Garrido «A Pera de Satanaz», musicada com brilho na fase de agora, pelos maestros, Raul Portela e Hugo Vidal. O

O baritono Alfredo Henrigues

publico aplaudiu-a com entusiasmo invulgar. O nosso camarada de redacção e critico teatral Artur Portela referir-se-ha ámanhã á representação da linda peça, com o desenvolvimento que ela merece.

Publicamos hoje a fotografia do apreciado baritono Alfredo Henriques que na «Pera de Satanaz» interpreta o «Sataniel», cantando e representando todo o seu papel com muita distinção.

Companhia Lucilia Simões

E' hoje que no Sá da Bandeira, do Porto, se estreia a Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, indo á scena a peça «A Casa em Ordem».

A Companhia pensa representar na capital do norte as peças seguintes:

«Uma mulher sem importancia», 4 actos, de Oscar Wilde; «Zázá», 5 actos, de Pierre Berton; «Rajada», 3 actos, de Bernstein; «A Casa em Ordem», 4 actos, de Artur Pinero; «Magda», 4 actos, de Sudermann; «Casa de Boneca», 3 actos, de Ibsen; «Mulher que passa», 3 actos, de Kistemackers; «A Casaca Encarnada», 3 actos, de Victoriano Braga; «A Vinha do Senhor», 3 actos, de Flers e Croisset; «Salomé», 3 actos, de Renato Viana; «As Fogueiras de S. João», 4 actos, de Sudermann; «A Castelã», 4 actos, de Capús; «Carta Anonima», 3 actos, de Muñoz Seca; «Amor a quanto obrigas»; 3 actos, de Hennequin; «Rosas de todo o ano», de Julio Dantas; «A Verdade», 3 actos, de Francisco Lage e Correia de Oliveira; «A 2.ª mulher de Tanqueray», 4 actos, de Pinero; «A moral dos sentidos», 3 actos, de José Faria Machado; «O Abismo», 3 actos, de Augusto Navarro; «O Infante Santo», 3 actos, de Luna de Oliveira; «Gioconda», 3 actos, de Gabriel d'Anunzio; «A Intruza», de Maeterlink; «Os Milagres de S. Antonio», de Maeterlink.

Atrás do reposteiro

No Apolo realiza-se hoje a primeira representação do quadro «Cruzes, Canhoto & C.ª», que está destinado a refrescar a revista «Vid'Airada».

—Não é verdade que o distinto actor Antonio Gomes (da Trindade), pense, como erradamente disse um jornal, fazer debutar sua esposa, que é uma talentosa cantora, em qualquer dos nossos teatros. A proposito, julgamos andar perto da verdade afirmando que Antonio Gomes será brevemente contratado por um conhecido emprezario para uma serie de espectaculos.

—Luisa Demoel vai fazer reviver algumas das cançonetas em que mais se salientou a popular actriz Pepa Roiz.

—No Politeama repete-se esta noite a emocionante peça dos irmãos Quintero «Cristalina».

—Chaby Pinheiro vai representar no Aguia de Ouro, do Porto, as peças italianas «A grande fita», de Fraccasoli, e «Paris!», de Adami, já representadas entre nós, e a nova comedia de Dregely «Marido de minha mulher». Todas estas peças foram vertidas para a nossa lingua por Mario Duarte.

Do mesmo escritor representou nas ilhas o actor Mendonça de Carvalho, na sua festa, uma adaptação intitulada «O milagre da boneca», na qual entra, representando um importante papel, a filha daquele artista, Maria Helena.

—No Nacional representa-se esta noite pela ultima vez a peça historica «Alcacer-Kibir». A'manhã e depois de ámanhã não há espectaculo, afim de se ultimarem os ensaios do original de Augusto de Lacerda «O Pasteleiro de Madrigal», que na quinta-feira sobe á scena.

—E' na proxima sexta-feira que no teatro S. Luis se efectua a festa artistica do apreciado actor Mario Campos, um dos mais apreciados actores da companhia Armando de Vasconcelos, com a ultima representação nesta época da opereta «A Prima Inglesa» e um acto de concerto em que tomam parte Beatriz Baptista, Fernando Pereira, Artur de Almeida e Armando Baptista.

Dr.ª Laurinda Alambre
MEDICA
Doenças uterinas — Partos — Electroterapia
Consultorio:
Rua Garrett (Chiado), 36, 1.º E.
Consultas ás 15 horas—Telef. C. 3680
Morada: Av. Conde Valbom, M. F., 1.º

A Cidade

COLARES-BURJACAS
O melhor vinho de meza

PORTUGAL PITORESCO

EVORA
a catedral do silencio
é um rico museu
de preciosidades

Teixeira de Pascoais, que, juntamente com Raul Brandão e outros escritores, foi de passeio a Evora, a linda cidade alentejana, confessou-nos ontem as suas impressões.

—Evora é a catedral do silencio. Se me não engano é este o titulo dum poema, ainda inedito, do meu ilustre e bom amigo Celestino David, que eu fui encontrar depois de 20 anos de ausencia, na cidade mais bela de Portugal.

—Mais bela?

—Sim, para os olhos que se extasiam nas sombras do Passado. Depois de algumas horas de comboio, através da planura alentejana, aparece-nos a estranha cidade num outeiro, dominada pela mole gigantesca da Sé Velha. As casas rodeiam-na e alongam-se em todos os sentidos, como que em adoração. Na verdade, a Sé, em maior altitude arquitectural, destaca-se do corpo antiquissimo da cidade.

—Uma cidade pitoresca?

—Uma cidade cheia de misteriosa comoção. Não ha uma casa, uma janela, uma porta, uma esquina, uma chaminé que não tenha um curioso aspecto. A banalidade não existe em Evora. Todas as ruas são diferentes. De surpresa em surpresa, caminhamos enlevados, e paramos, a cada momento, deante dum templo, dum palacio, de simples casas particulares que lembram aparições sublimes do passado. Agora aparece-nos a Sé, depois a Igreja de S. Francisco, onde jaz Men Rodrigues de Vasconcelos, que comandou a *Ata dos Namorados*, mais adeante os dois museus: de pintura e arqueologia, o palacio de D. Manuel e de D. Sebastião, a Universidade, e, de vez em quando, uma ponte medieval em marmore, passando agua, como ha quatro ou cinco seculos, em cantaros do mesmo barro e do mesmo talhe. Nem as pessoas mudaram. As raparigas que se juntam, em volta da nascente, são ainda as mesmas arabes de outrora. Vêl-as é vêr a Moirama!

—A Idade-Media...

—Sim, a perseguir-nos constantemente. De repente, naquela noite medieval, que nos envolve, surgem, com uma nitidês e graça admiraveis, as ruinas do templo de Diana. Destacam-se de tudo, contradizendo todos os outros edificios, todas as nossas crenças, como restos absolutos dum mundo que já não existe, e que jámais nossos olhos contemplaram.

São, apenas, sôbre um largo pedestal, de pedra e de argamassa, meia duzia de colunas erguidas. O meu desejo era estar ali, horas e horas, numa intima contemplação misteriosa. Mas não havia tempo a perder. Tinhamos que visitar toda a cidade—toda a catedral do silencio. Realmente os seus monumentos não dizem uma palavra, não nos contam historias nem segredos. Temos que nos deitar a adivinhar. O scenario existe cheio de vestigios, de tragedia, Mas a tragedia passou, e não a podemos reconstituir.

Trouxe de Evora as mais gratas recordações, das pessoas e das coisas. Dentre as primeiras destaco os ilustres membros do grupo Pró-Evora que tão carinhosamente nos receberam, e que trabalham religiosamente na conservação de todos aqueles monumentos—pois Evora é um museu que deve ser visitado por todas as almas de Portugal.

De viagem

Partiram hoje no «Sud-Express» para Paris o filho e o neto do sr. ministro de Inglaterra. Na «gare» apresentaram as suas desdedidas, além da familia, as filhas do sr. ministro de Espanha.

—Seguiu hoje no rapido da manhã para o norte o sr. dr. Ginestal Machado.

QUER CEAR BEM?
Vá ao Restaurant «A Peninha»
67, RUA PASCOAL DE MELO, 69
(á Estefania)
Ultimo carro ás 2 da manhã
Primeiro ás 4 da manhã

A VIDA PELA HORA DA MORTE...

O preço
DOS GENEROS
aumentou só neste mês
quarenta por cento!

O assunto constante nos cafés, nos centros politicos, nas oficinas, nas repartições publicas, nos electricos, é o aumento diario do preço dos generos de primeira necessidade. Ultimamente, tem reunido algumas classes operarias, para pedirem aumento de salario, tendo, porem, desistido de o fazer, em consequencia da crise de trabalho que já se está fazendo sentir.

Como o problema da carestia da vida está ligado ao da ordem publica, fomos hoje ouvir o comunista sr. Carlos Rates:

— O que me diz sobre a carestia da vida?

— O que lhe hei de dizer? Que as consequencias não são deficeis de prever. Esta situação é magnifica para qualquer revolução...

— Qual a forma de resolver a crise actual?

— Só com uma revolução. A crise actual não se resolve com meias medidas, nem com os processos já experimentados. Estabilizar a divisa cambial e embaratear a vida imediatamente, é prometer o impossivel...

— Ha quem tenha esperança, ainda, no sr. Afonso Costa...

— Ele não é tolo. Já cá veiu para salvar o doente. Tomou-lhe o pulso, fez uma careta e voltou para Paris num ar de desalento, com o luto no coração...

— Fala-se tambem no Antonio Maria da Silva...

—Esse dispõe duma tenacidade e duma habilidade politica invulgares, tentou os emprestimos e os impostos novos. De nada serviram. Tomou conta do governo com a libra a 60 escudos e deixou-a a 110$00.

—E o sr. Cunha Leal?

—Esse pode ser tudo que quizerem, mas não é burro. E' dotado de energia e tem a ambição de desempenhar um grande papel na sociedade.

—E os radicais?

—Nada resolverão tambem. Podem ser as criaturas melhor intencionadas deste mundo, mas a situação é de tal fórma grave, a crise é tão profunda, que qualquer remedio, nos moldes burgueses e democraticos, não é mais do que um prolongamento artificial da vida.

—O que me diz sobre a acção do Comissariado dos Abastecimentos?

—O arroz, o feijão, o bacalhau, o grão, a manteiga, a massa, o sabão, o azeite, o toucinho, etc., segundo uma estatistica, vê-se que, em 30 de Junho, custavam, em globo, nos armazens reguladores 70$16 e nos estabelecimentos particulares 86$25.

—O que significa...

—Que os estabelecimentos particulares venderam esses generos com uma diferença de 23 0|0.

—Mas...

—Em 31 de Dezembro os mesmos generos custavam nos armazens reguladores 90$10 e nos estabelecimentos particulares 111$50, o que marca ainda uma diferença de 23 0|0 a favor do consumidor dos armazens.

—Confrontando os preços de 30 de Junho e 31 de Dezembro nos armazens reguladores...

—Verifica-se um aumento de 28 0|0.

—Confrontando esses preços com os dos estabelecimentos particulares, esse aumento é...

—De 29 °/₀.

—Não lhe parece que o Comissario devia adotar uma atitude mais energica nesta situação?

—Mesmo que o queira fazer, não pode.

—Porquê?

—Os decretos desastrosos do ex-ministro da Agricultura, sr. Joaquim Ribeiro, n.os 9:060 e 9:149, são os principaes factores deste estado de coisas. O Comissario dos Abastecimentos é tambem comprador em concorrencia com todos os demais.

—De forma que?

—Não pode evitar que os seus armazens deixem de acompanhar a marcha ascencional dos preços manifestada nos ultimos seis meses.

—A carestia dos generos aumentará já este mês...

—Em relação a 31 de junho deve aumentar mais 40 °/₀.

—A quem compete a responsabilidade deste estado de coisas?

—Ao governo.

—Em sua opinião, a situação é grave?

—Gravissima.. Dentro deste ano devemos ter graves acontecimentos...

—Vê as coisas pelo lado pessimista...

—E' a conclusão dos factos.

—Dos factos?

—Sim. E olhe: O meu partido tem engrossado bastante nestes ultimos dias. Só nós estamos a ganhar neste momento...

Em Belem

Almoçaram hoje, no Palacio de Belem, com o sr. Presidente da Republica, o ministro da Guerra, major sr. Ribeiro de Carvalho, o seu ajudante tenente sr. Moura e o jornalista Ferrão Castelo Branco.

O Chefe do Estado

O sr. Teixeira Gomes, acompanhado do seu ajudante de ordens, capitão sr. Florentino Martins, passeou esta manhã pelas imediações de Belem.

Diplomatas

O sr. dr. Macedo Soares, secretario da embaixada do Brasil e sua esposa, ofereceram esta tarde em sua casa, um chá a varias pessoas das suas relações.

O CONSELHO
da Ordem da Torre e Espada

Reuniu esta tarde no Palacio de Belem o Conselho da Ordem da Torre e Espada, tendo presidido, como grão mestre, o Chefe do Estado.

ARQUITETURA E AGUARELA

A ARTE
de Ribeiro Cristino
e a exposição
das Belas Artes

Em arte não são as escolas que criam os grandes artistas. São os grandes artistas que as determinam dando-lhes o ritmo do seu temperamento, nova forma, nova beleza, nova latitude.

Não creio que os cerebros de concepção apareçam seriados numa linha continua. O genio turgescente de rimas ignoradas de sonho e de belesa, é ocasional. É sempre um isolado, fóra do ambiente, ainda que este o eduque artisticamente. De dez em dez anos, quando muito, surge um temperamento, ha uma revelação, um sonho que se precisa, possivelmente determinado pela necessidade abstracta da vida, de renovar ou inflamar a belesa caída, ou erguer ao lado de uma ruina, uma estatua. Morreu a Acropole, mas surgiu o Capitolio, tombou o Capitolio mas palpitou ardente e religiosa, a basilica de S. Pedro, traçada por um genio, Bramante e concluida por outro, Miguel Angelo.

Sirvam-nos estas leves considerações para apresentar um grande artista português, Luís Cristino da Silva. Este homem é dos que aparecem de dez em dez anos, portador dum talento estuante de concepção, grandioso, arrojado, percursor duma nova forma, que em breve terá discipulos.

Luis Cristino da Silva apresenta-se apenas como arquitecto. Mas compete á critica, olhando os seus trabalhos, revelar ao publico que Cristino da Silva, sendo um admiravel arquitecto, é daqueles homens extraordinarios, que podem frutificar em todas as artes. E, coisa estranha e rara no nosso meio, Luís Cristino tem uma cultura profunda, de todas as epocas, de todos os periodos, que chega ás mais vulgares minucias, que não desdenha um pormenor, um friso, um incidente. E' vêr a reconstituição da *domus Livia*, casa subterranea, existente no Palatino, no primeiro seculo da era cristã. E' uma formidavel exumação, toda uma epoca, desde a ceramica á ourivesaria, desde a pintura mural, até á escultura, desde o ferro cinzelado, até á arte de estilizar os galbos dos alabastros, onde canta estatica e prisioneira, a agua das fontes.

Atentai neste quadro—chamemos-lhe assim—e vêde que a mão que o traçou não é apenas a mão dum arquitecto, a dum artista plastico, a dum historiador, a dum critico, mais ainda, a dum romano.

Os outros trabalhos arquitetonicos de Luís Cristino, apesar de nos provarem que ele está ainda num periodo de construção e não de estilização, o que não é de admirar visto que ele regressa de um longo *sejour* nas grandes cosmopolis—são a afirmação dum talento formidavel, que tendo o sentido do gigantesco monumental, não descura a simplicidade, a elegancia, o minimo de trabalho e de dispendio construtivo, na geometria arrojada dos alçados e plantas.

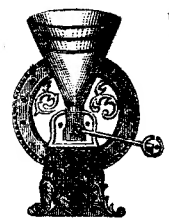
Luís Cristino é uma das mais belas compreensões utilitarias que temos encontrado. Mas o que é curioso, como se vê na fachada do *Teatro popular* e no *Hotel, situado num local pitoresco da costa portuguesa*, é a sugestão—que virá afirmar-se em estilo—vaga e impalpavel, da arquitectura romana: tiaras de basilicas, janelas de aboboda, uma nobre e sintetica elegancia na fisionomia dos edificios.

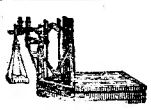
Não temos espaço para nos referirmos aos outros projectos. Diremos, apenas, que quem assim trabalha, pode, como Palacios, o grande arquitecto de Madrid, reconstituir ou fundar uma grande cidade.

As aguarelas de Luís Cristino, que têm o desenho arquitectural e são, quasi sempre, feitas em sinteses de côres e de planos—são de admirar, de comprar e de guardar religiosamente. Têm encanto—o encanto da velha pedra, da beleza intima das coisas, das atmosferas delicadas, infinitas, misericordiosas de luz. Roma tem a sombra azul das ruinas milenarias e Paris o cinzento humido e prateado dos parques que se desfolham.

Citamos: 1, 2, 3, 5, 17, 23 e 26.—*A. P.*

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO





SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 74 a 96

Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B. — Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

---

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1934

PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

RIO DE JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1897 — LONDRES 1934 LISBOA 1888 PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS

RUA DE BELEM, 7[illegible] LISBOA

Á VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

Automoveis MINERVA

em exposição e para entrega imediata no

STAND MINERVA

CASAL, LIMITADA

Rua do Comercio, 50

DINHEIRO

sôbre joias, ouro, prata, platina, papeis de credito, automoveis, motos, mobilias, pianos, etc., empresta a juro convencional

A IDEAL, L.da Rua d'Assumpção, 88-1.º Telef. N. 5180 LISBOA

COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Rua 24 de Julho, N.º 2-1.º D.

3.ª emissão

Avisam-se os Ex.mos Srs. Accionistas portadores dos titulos provisorios desta 3.ª emissão, que devem apresentar na séde desta Companhia, para troca, os respectivos titulos.

Estes devem estar endossados em branco com as assinaturas devidamente reconhecidas.

A DIRECÇÃO

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

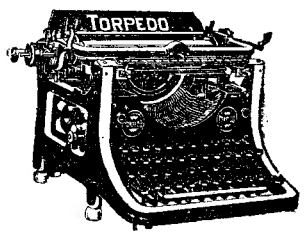
AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principaes farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.



TORPEDO

J. Anão, L.da

Rua dos Fanqueiros, 376-2.º

TAPETES E CARPETTES

DO ORIENTE

THE BRITISH PRODUCTS SUPPLY, LTD.

25, CALÇADA DO CARMO, s|l Esq.

(AO ROSSIO)

AMOSTRAS GRATIS

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

LAMPADA ELECTRICA VISSEAUX-CERES A MELHOR

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS DE CHROMO, GRAVURA E RELEVO

L. POÇO NOVO, 30

GARAGE CONDE BARAO

DFS

Recolha de 180 automoveis

Venda e compra de automoveis

Oleos, gasolina, acessorios

Material electrico

Instalações electricas

Stock de lampadas «Philips»

Telefone: *C. 5430*

Telegrafo: *Garage Conde Barão*

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da

Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

LEILÃO

da livraria do Visconde de Sanches de Frias, constando de 1.071 lotes, de livros raros e curiosos, e uma explendida CAMILLIANA, começa hoje no Palacio Azurbuja, Largo do Calhariz, 17, ás 21 horas

---

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

Avelino de Faria
Notario
Rua Nova do Almada, 64-1.º
(esquina da Rua de S. Nicolau)
TEL. C. 5367

ESTRANGEIRO

Lampadas e Lamparinas electricas
Mendes & Paixão
14, RUA DA BOA VISTA, 14

DE LONDRES

Já estão

em greve

cerca de

6.000

ferro-viarios

LONDRES, 21

Cerca de 6.000 maquinistas e fogueiros, membros da Locomotive Firemen Union, declararam á meia noite a greve.

Outras duas associações de ferro-viarios não entráram no movimento.

A associação grevista censura os directores das companhias ferro viarias como responsaveis por terem falhado as negociações para uma solução mutuamente satisfatoria, em vista da sua recusa contumaz de acederem ás variações sobre os salarios elaborados pela Repartição Nacional de Salarios.

Ha muito poucos comboios hoje em transito, fazendo-se sentir a sua falta especialmente no trafego suburbano de Londres.—(L.)

Ainda não há
pormenores do movimento

Não ha quaisquer pormenores da greve dos maquinistas e fogueiros dos caminhos de ferro, pertencentes á «Associated Society», os da União dos Empregados dos Caminhos de Ferro continuam ao serviço, embora este seja feito em menores proporções. Aos generos alimenticios é dada a prioridade.

Os condutores de comboios não pertencentes á associação dos maquinistas e fogueiros em greve, aderiram tambem a esta, bem como alguns condutores na inactividade.

O bloqueio
á região inglesa de Colonia

Causou extraordinaria admiração nesta cidade a declaração do bloqueio parcial á região britanica de Colonia, sendo o embargo feito aos transportes de material e fornecimentos militares.

Esta acção acha-se em oposição com as declarações do sr. Poincaré sobre a leal corporação com os aliados.

Nos circulos de Paris dizia-se ontem á noite que a decisão do governo britanico recusando-se a entrar em acôrdo com a «régie» franco-belga dos caminhos de ferro sobre o transporte de generos de primeira necessidade nas linhas da zona britanica.—(L.)

Duas sensacionais estreias
no Coliseu dos Recreios

Realisa-se hoje a estreia, em espectacelo da moda, no Coliseu dos Recreios, dos celebres voadores Les Aleximes que veem precedidos dos seus magnificos vôos á «Leotard» que são arriscadissimos e surpreendentes.

O seu trabalho serio-comico tem-lhes grangeado os maiores triunfos razão porque o publico de Lisboa certamente os vai apreciar como merecem.

Tambem o eximio professor de equitação Mr. Orlando apresenta um novo numero de cavalos que deve ser supreendente como todos os que o notavel artista tem apresentado.

PELES DE VARIAS QUALIDADES
MODELOS CHICS
A Original
RUA DA PALMA, 266-A

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Afonso XIII

aceita a ditadura de Primo de Rivera

para evitar uma guerra civil

Afonso XIII concedeu ha dias uma entrevista a M. Ward Price, enviado especial do «Daily Mail» a Madrid, tendo feito, acerca do movimento revolucionario que determinou a entrega do Poder a Primo de Rivera, declarações por muitos respeitos dignos de registo.

—Tenho — disse o monarca — uma grande experiencia do meu cargo; experiencia que me vem de 22 anos de pratica governativa. Se adotei uma atitude nitidamente favoravel á subida do general Primo de Rivera ao governo do meu país foi porque me convenci de que a Espanha inteira o desejava. Não fui prevenido dos acontecimentos que se planeavam; não sabia de nada; ninguem me tinha avisado da conspiração; mas sabia — e sabia muito bem — que os abusos do velho regimen parlamentar estavam causando um descontentamento profundo entre os oficiais superiores do exercito.

«Quando tive conhecimento do que se passava, estava em San-Sebastian. Passei uma noite inteira ao telefone de proposito para obter pessoalmente noticias de toda a Espanha.

Dormi apenas duas horas, mas consegui informar-me com segurança da situação. Para mim, o problema consistia em evitar a guerra civil. Antes de me decidir a reconhecer a acção do general Primo de Rivera precisava, naturalmente, de saber qual era a opinião da maioria do país. E compreende-se: a atitude assumida pelo exercito era, de si mesma, anti-constitucional, e era eu a unica entidade que tinha o poder de a regularisar se a julgasse conforme com os interesses do país. Se tivesse agido com menos decisão, ter-se-hiam exteriorisado divergencias no exercito, ou entre o exercito e o país, sob uma fórma violenta, e a guerra civil seria certa.

Porém, logo que regressei de Sant Sebastian a Madrid, certifiquei-me de que a nação espanhola aprovava decididamente esta tentativa de reforma da administração, e procedi como me cumpria.

Os abusos eram de tal ordem, em todo o territorio espanhol, que, de facto, os adversarios do partido chamado ao poder não podiam deixar de ser perseguidos. Foi nestas condições que eu dei a minha plena confiança ao governo; e a consequencia desse meu procedimento foi ter-se solucionado esta grave crise constitucional sem ser necessario verter uma gota, sequer, de sangue, e sem se ter feito uma unica prisão.

Um conde austriaco, um principe russo e outro prussiano, que se diz aparentado com a casa dos Hohenzollern, ofereceram ha dias os seus prestimos ao emprezario de um grande «dancing» de New-York. O proprietario do estabelecimento aceitou e fechou contracto com os nobres dançarinos, explicando que não os consideraria nem como professores de dança nem como criados. Convinham-lhe para darem certo tom ao «dancing» e para manterem nele uma atmosfera mundana de reclame.

Se a experiencia agradar ao publico, espera-se que outros «dancings» sigam o exemplo; e, assim, ver-se-ha, dentro em pouco, a nobreza da velha Europa reduzida á triste condição de cartaz de barraca armado á vaidade do novoriquismo norte-americano.

DE PARIS

A França

tem horror

á guerra

disse

R. Poincaré

PARIS, 21

Ao inaugurar em Paris, esta manhã, o monumento erigido á memoria dos mortos do 7.º «arrondissement», o sr. Poincaré declarou que a França conservará mais do que nunca no futuro horror á guerra, trabalhará ardentemente pela paz e procurará aproximar no amor da humanidade os povos tantas vezes divididos pelos interesses. A França entende que deve defender a causa da concordia universal pela observação dos tratados e pela manutenção dos direitos estabelecidos.

Queremos viver no futuro ao abrigo da fé jurada; não podemos depois de tanto sangue derramado ficar ámanhã sob a ameaça de novas agressões.

Se em presença da falencia voluntaria da Alemanha fossemos impotentes para reparar o desastre, nenhuma campanha politica, nenhuma manobra financeira, nenhuma pressão estrangeira abafaria as nossas vozes, as nossas consciencias.

Não somos uma nação cubiçosa, avida do bem estar de outrem, desejamos apenas a felicidade dos outros povos, e nunca deixámos de ter generosidade cavalheiresca. O mundo pode ter confiança na nossa integridade; manifestamos apenas dois votos bem modestos: não sermos despojados das promessas que nos foram feitas e não sermos atacados pelos nossos visinhos.—(H.)

O «Reich»
e a estabilisação da moeda

PARIS, 21

O segundo «comité» de peritos reuniu-se hoje e começou os trabalhos ás 11.45.

O sr. Barthou fez resaltar o fim comum dos dois «comités» e a dificuldade da tarefa. Notou que o «Reich», longe de negar o exodo de capitaes alemães, perigoso para o equilibrio do orçamento e estabilisação da moeda, adotou medidas legislativas administrativas para o evitar, as quaes, infelizmente, ficaram sem resultados.—(L.)

A divida
da França á America

PARIS, 21

Fala-se na possibilidade do governo francês renovar as negociações, suspensas o ano passado, para consolidar a divida francesa á America.—(L.)

VISITEM
o Deposito da Covilhã
VENDE
Fazendas de lã para: fatos, sobretudos, abafos e vestidos de senhora, directamente da **fabrica** ao publico por menos **30 a 40 por cento**
ASTRAKANS
Lãs em fio branco e côr para malhas, por preços da **fabrica**
Tem alfaiates para exclusivamente servir a sua numerosa clientela com grande economia de preços
ROCIO, 93-2.º ANDAR
(esquina da Rua do Amparo) não tem lojas
Ascensor Telefone 4670-N.
FILIAL NO PORTO
Rua de Santa Catarina, 299

SOROS
DO
PROF. MARAGLIANO
ANTITOXINAS SOFOS
DEPOSITARIOS
ESTABELECIMENTOS
ALVARO CAMPOS
LISBOA — PORTO

— Como conseguiste esse explendido fato?

— Finalmente, meu amigo, que nos podemos vestir bem e por preços baratissimos, comprando nos depositos dos fabricantes DONAS, da Covilhã.

Teem um colossal sortido de fazendas de lã e estambre para fatos, sobretudos, vestidos e casacos em todos os padrões e côres, quasi por metade do preço. Uma experiencia nada custa.

Depositos de vendas a retalho
EM LISBOA:--Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
NO PORTO:--Rua Fernandes Tomáz, 392-A

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

VACINAS e SOROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA
Bacterina de Neisser
» » Estafilococcica
» » Antimeningococcica
» » Acné
» » Estafilo-estreptococcica
» » Coli
» » Pyorrhéa, etc.
Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas
SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Londres, cheque	1 55/64	1 27/32
£/Paris	1$33,5	1$35,5
£/Madrid	3$87	3$90,5
£/New-York	30$45	30$72

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
£/Holanda	11$30	11$40
£/Suiça	5$26	5$31
£/Brasil	3$31	3$35
Libra esterlina	145$00	150$00

NO GOVERNO CIVIL

A posse do novo chefe do distrito foi muito concorrida

O sr. ministro do Interior foi hoje de tarde ao Governo Civil dar posse do cargo de chefe do distrito ao sr. dr. Filipe Mendes, tendo sido imensamente concorrida a ceremonia.

Lido e assinado o auto, o sr. Sá Cardoso iniciou a serie dos discursos apresentando cumprimentos de despedida ao governador civil cessante, sr. dr. Pedro Fazenda, a cujo zelo, inteligencia e lealdade se referiu em termos sobremodo elogiosos, e saudando o sr. dr. Filipe Mendes a quem disse dedicar grande amisade.

O sr. dr. Pedro Fazenda, agradecendo, fez um caloroso elogio de todos os funcionarios do Governo Civil. Dos motivos que determinaram a sua demissão, não falou.

* * *

Seguidamente, discursou o sr. dr. Mauricio Costa, em nome do sr. Ribeiro de Carvalho e da corrente nacionalista que acompanha o sr. dr. Alvaro de Castro. Uma afirmação do orador:

O sr. dr. Crispiniano da Fonseca, o tenente-coronel sr. Ferreira do Amaral, e os chefes, enfim, das varias Policias e das varias repartições do Governo Civil, falaram tambem. As amabilidades do costume ao magistrado que sae e ao magistrado que entra; as ofertas de cooperação igualmente costumadas; e fez uso da palavra o sr. Martins Junior.

Leal, duma sinceridade rude mas por isso mesmo simpatica, este orador conseguiu aquecer de entusiasmo a assistencia, pela maneira desempoeirada de formulas como se exprimiu.

—Nunca vim ao Governo Civil com tanta satisfação como hoje—começou—porque a nenhum outro chefe do distrito me ligava o afecto que me liga ao Filipe Mendes. Ao Filipe, sim, senhor! E' como eu o trato, que não sou homem de carnaval. Digo o que sinto e digo-o sem imposturas.

Depois:

—O Filipe não é pavão. O Filipe é sempre o mesmo! No logar que ele ocupa, sendo um ladrão, seria hoje milionario. O Filipe é honrado, é bondoso, é daqueles que, quando trepam lá acima, nem por isso deixam de falar aos amigos.

Censurando clamorosamente os que assim não procedem:

—Os outros... assim que lá trepam, são logo Suas Excelencias... Ah! portões da Penitenciaria, que estaes abertos só para os desgraçados!

E numa ameaça:

—Mas deixem estar, que ha de vir o dia em que esses serão justiçados como merecem! Sou acima de todas as disciplinas, porque sou um indisciplinado.

A concluir, elogiando o governador civil substituto sr. Alberto Meireles:

—Ao Meireles, cara unhaca, faço do coração um braço; e com ele, dou-lhe um amplexo de lhe meter os tampos dentro.

Quando o orador terminou, soltaram-se, de mistura com muitos vivas á Republica, alguns brados de «abaixo os dezembristas!»; e ouviu-se uma voz comentar assim:

—Cala a boca! Isso não é para aqui!

O revolucionario sr. Inacio Ferraz, oferecendo o seu apoio pessoal e o dos seus amigos:

—Neste momento conspira-se abertamente, declaradamente; e... o destino da Republica permita que não tenhamos de defrontar-nos em breve com outro 10 de Dezembro! Digo-o aqui bem alto; e sou um homem que nunca mentiu nem mentirá. Peço a todos os republicanos verdadeiramente republicanos que me ouvem, que me acompanhem neste grito: Viva a Republica republicana!

Por fim falou o novo chefe do distrito, que agradeceu todas as referencias amaveis que lhe haviam sido feitas e prometeu empregar toda a sua boa vontade para o desempenho do seu cargo.

A TARDE PARLAMENTAR

Uma folha de papel selado val custar quatro escudos!

O sr. dr. Almeida Ribeiro iniciou a sessão protestando contra o facto de terem sido aumentadas, sem aviso prévio, as taxas postais para o Ultramar.

O sr. ministro do Comercio respondeu que esse aumento tinha sido função do cambio, e que se tornava indispensavel para uma boa organisação dos serviços postais.

* * *

O sr. Lelo Portela, depois de saudar no major sr. Ribeiro de Carvalho um dos mais prestigiosos combatentes da Grande Guerra, chamou a atenção do ministro para a campanha caluniosa que vem sendo dirigida por determinada imprensa contra o Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Enalteceu as qualidades de valor e de disciplina e de patriotismo daquela unidade militar, terminando por dizer que a liberdade de imprensa não quer dizer liberdade de insulto e pedindo para o caso a intervenção do ministro.

* * *

O sr. ministro da Guerra, em resposta ao sr. Lelo Portela, associou-se ás palavras de louvor que por aquele deputado foram dirigidas ao batalhão de sapadores de caminhos de ferro, lamentou que a imprensa levante campanhas desta natureza, principalmente quando visam determinadas unidades militares.

Não tem conhecimento de qualquer facto daqueles que são imputados ao batalhão de sapadores de caminhos de ferro, nem elementos para acreditar na veracidade dos boatos que vieram a publico.

Sobre o caso está-se procedendo a averiguações e o sr. ministro dá Guerra espera que o Parlamento deposite nele a confiança de que se julga merecedor para não deixar cair o prestigio do exercito.

* * *

O sr. presidente do ministerio manda para a mesa a sua proposta de alteração á lei do selo, para a qual pede a urgencia e dispensa do regimento.

A proposta, é do teor seguinte:

Artigo 1.º—E' o governo autorisado a elevar as texas fixas do imposto do sêlo constantes da tabela anexa á carta de lei de 24 de Maio de 1922, multiplicando-as pelo factor 20.

§ unico. Exceptuam-se os sêlos dos recibos dos juros dos emprestimos em escudos da divida publica fundada.

* * *

O sr. Carvalho da Silva afirma que o goveano está legislando perfeitamente ao acaso em materia cambial.

Alguns deputados democraticos protestam:

—Não pode falar! Não pode ser! Não pode ser!

O deputado monarquico, que falava sobre o modo de votar, não pôde continuar o seu ataque ao governo, por não estar ao abrigo do regimento.

O sr. Carvalho da Silva:—Para onde isto vai? O papel selado já está mais caro do que o bacalhau..

O sr. Sá Pereira:—E ainda ha-de estar mais, quando V. Ex.ª fôr ministro da Republica...

A urgencia para a proposta do sr. presidente do ministerio foi aprovada por 48 votos contra 19.

* * *

O sr. Cunha Leal pretende interpelar o sr. ministro das Colonias sobre o regimen dos altos comissarios e pregunta que destino levou uma nota de interpelação que manvou para a mesa nesse sentido.

O sr. dr. Mariano Martins respondeu que responderá logo que possa responder.

* * *

A bancada monarquica ataca vivamente a proposta governamental, pela voz dos srs. Morais de Carvalho e Carvalho da Silva.

O primeiro demonstra que uma apolice de seguro de 5$50 ficará pagando só de selo 8$00, se fôr aplicado o multiplicador 20. O segundo salienta que os homens de Estado da Republica, trazendo ao Parlamento propostas desta natureza sem quatro linhas de relatorio, mostram que não estudam nada, que não sabem nada e que contam, previamente, com a cumplicidade do Parlamento para fazer aprovar as suas propostas.

E o orador, exibindo a meia folha de papel dactilografada onde se contem a proposta, exclama:

—O sr. Presidente do Ministerio até se esqueceu de assinar!

E continua:

—Eu estou daqui a vêr o sr. dr. Alvaro de Castro, no fim do almoço, dizer para a creada entre dois goles de café: «Maria!—traze-me daí meia folha de papel.»—e redigir ali mesmo, de colaboração com a creada a sua famosa proposta. Mas como batessem á porta, a creada foi vêr e levou o tinteiro e o sr. presidente do Ministerio não se lembrou de que ainda não tinha assinado este papel...

E á medida que fala vai agitando a meia folha de papel azul, que eleva a 2 escudos o preço da meia folha de papel selado.

* * *

O sr. Fausto de Figueiredo não concorda tambem com a proposta do sr. presidente do ministerio. que mereceu igualmente os ataques de um parlamentar democratico o sr. Carlos Perreira.

A discussão prossegue, tendo já o chefe do governo trocado impressões sobre o assunto com alguns deputados da oposição. Um deles, o sr. Barros Queiroz, falava com uma tal exuberancia, que em breve se reuniram á sua volta outros parlamentares.

A's 17 e 45 está precisamente no uso da palavra o sr. Barros Queiroz, que ataca a proposta governamental.

TELEGRAFO-POSTAIS

A greve passiva não será declarada antes do fim deste mês

Varios jornais registaram o boato de que uma greve telegrafo-postal ia estalar dentro de poucas horas. E a nova correu, com insistencia, por toda a cidade.

Quizémos saber o que havia, porventura, de verdade no boato.

A' porta da Administração Geral dos Correios e Telegrafos, está afixada uma proclamação escrita á maquina.

Assina-a a Comissão de Resistencia. Afirma que, protelada como está sendo, a satisfação das suas reclamações, a classe se deve manter «álerta», de modo a poder, em qualquer altura passar das palavras aos actos.

* * *

Fala um membro da Comissão de Resistencia:

—Então, temos greve daqui a algumas horas...

—Não pense nisso...

—Mas os jornais...

—Os boatos de que eles se fizeram éco não teem fundamento—por enquanto...

—Em que estado se encontra a questão?

—A'manhã vamos falar ao senhor ministro do Comercio. E na quinta feira ao chefe do governo.

—E a Administração Geral?

—Por óra, não temos mais nada que tratar com ela...

—Qual é a sua atitude perante as reclamações?

—Não as satisfez. Uma delas era que a discussão no Parlamento fôsse dividida em duas partes.

—Vantagens?

—Discutir-se-ia, primeiro o aumento de vencimentos, e depois a reorganisação dos serviços...

—O caso do «Rebate»...

—«O Rebate» afirmou que nós não mereciamos mais dinheiro e insinuou haver politica metida no caso. Isto causou grande indignação de toda a classe, como póde ver-se pelos protestos recebidos.

—E se a resposta do ministro do Comercio e do chefe do governo fôr negativa?

—Não sei qual será a atitude da classe.

—Em qualquer dos casos...

—O pessoal não tomará qualquer atitude antes do fim do mês.

—E no fim do mês... greve... não é verdade?

—Não sei... Não sei... «Se verá»...

* * *

Informações que colhemos noutra fonte, garantem-nos que, em qualquer eventualidade, o pessoal não declarará a greve. Se, porêm, as suas reclamações não forem atendidas, é provavel que tenhamos uma nova «greve passiva», sempre de gravissimas consequencias.

* * *

Recebemos copias de telegramas em que os telegrafo-postais, de todo o país protestam contra uma local inserta no *Rebate*, orgão do P. R. P. Não os publicamos, por já terem vindo nos jornais.

O conselho de ministros e a questão cambial

O conselho de ministro tornou a reunir hoje, durando a sessão desde as 10 horas da manhã até perto da 1 hora da tarde. Consta que se ocupou de assuntos de caracter reservado, talvez referentes á questão cambial, pelo que não forneceu nota oficiosa á imprensa. Na sessão de hoje não se tratou da compressão de despesas em serviços publicos.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114

Questões sociais

O advogado sr. dr. Mario Monteiro, esteve hoje no Ministerio da Justiça tratando, em nome dos presos por questões sociais, da extinção do Tribunal de Defeza Social para que os processos respectivos passem para o dominio dos tribunais comuns e dentro do exposto do Codigo Penal.

Casaco que desaparece...

A bailarina Maria Emilia Vieira, rua do Passadiço, 33, queixou-se á policia contra Francisco Pinto, acusando-o de ter arrombado a porta da sua residencia, donde lhe levou um casaco de peles no valor de 6.000 escudos.

O ex-chefe do distrito

O sr. dr. Pedro Fazenda, despediu-se hoje de todo o pessoal das repartições do Governo Civil.

Ao deixar o seu logar, o ex-chefe do distrito, contribuiu com 500 escudos para o funeral do saudoso jornalista Arnaldo Pereira.

Fotografia de S. Ex.ª o CHEFE DO ESTADO
Ampliação até ao tamanho natural.—A primeira fotografia oficial para as Camaras Municipais e entidades oficiaes.
Pedidos a GARCEZ, L.DA
Rua Garrett, 88—LISBOA